2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 31. QUINTA FEIRA, 9 DE MAIO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AS FABRICAS E A SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL.

Isto de fabricas em Portugal é uma historia:

O que sahe das fabricas portuguezas que tem geito é contrabando:

O que não tem geito é feito nas nossas fabricas:

É preciso abolir os direitos das Pautas, porque elles não protegem as nossas industrias.

(Opinião do Sr. Deputado Affonseca.)

A Crise Fabril está declarada — nomeem ou não commissões de inquerito.

Se as nomeam, pela maneira como foram propostas, fica a espada de Damocles suspensa sobre os interesses industriaes.

Se as não nomeam, as offensas lançadas contra as nossas fabricas, não echoarão debalde no paiz e accordarão receios que não existiam.

A nossa opinião é, que a épocha do ensaio das nossas Pautas ainda não findou. No estado actual codifiquem a legislação relativa ás Pautas: simplifiquem o expediente das duvidas que ellas suscitam, investindo a benemerita Commissão permanente das Pautas com as attribuições e confiança que lhe compete; resolvam os alvitres que ella tem proposto; oiçam a opinião da Sociedade Promotora da Industria Nacional; mas, sem fundamento justificado, não perturbem, com discussões intempestivas, interesses que se referem a milhares de familias.

Vimos com satisfação, que o Sr. Ministro da Fazenda comprehendeu perfeitamente a situação, e pelo que mui acertadamente disse, estamos convencidos, de que se concordar em a nomeação de qualquer commissão, não será para que este alvitre lhe pertença. Nesta questão as opiniões do Sr. Ministro da Fazenda são de grande importancia para a classe fabril, e por esse motivo as registamos como penhor de segurança para os nossos industriaes.

A Sociedade Promotora da Industria Nacional não podia presencear impassivel a crise, que se manifestou em tão avultados interesses. As Exposições Industriaes, que tem havido, são lhe devidas, e por tanto além do assumpto principal das Pautas, ella devia tractar da provocação directa que lhe foi lançada, quando se calumniaram os nossos fabricantes, chamando-lhes só contrabandistas.

Coube ao Redactor da REVISTA a honra e o desgosto de informar o Concelho Director da Sociedade do que se passára na Sessão do dia 27 de Abril na Camara dos Srs. Deputados.

Os membros presentes eram fabricantes pela maior parte, esses homens, que á custa de vida trabalhosa e proba, se julgavam honrados com a sua posição de industriaes, ouviram sem o julgar possivel essas infaustas palavras, que um homem ousou querer gravar-lhes na fronte, denunciando-os ao paiz, como contrabandistas.

Tudo que se passou no Concelho depois desta leitura e do que foi dito pelo vogal que a tinha feito, não foi uma scena de indignação, mas foram provas de magua e de espanto por tão inaudito facto. Ahi mesmo se nomearam para a Commissão que devia redigir uma representação da Sociedade á Camara dos Srs. Deputados, o Sr. Conselheiro Macedo, Presidente da Commissão das Pautas, e o Sr. E. dos Santos Miranda, mui

intelligente fabricante de tecidos. A Commissão tendo reunido no dia 3, appresentou no dia 4 ao Concelho o trabalho de que fora incumbida, o qual sendo approvado, se reduz á seguinte Representação, que será amanhã 10 entregue ao Sr. Presidente da Camara dos Srs. Deputados, por meio de uma deputação do Conselho, composta dos Srs. Visconde da Carreira, Conselheiro Macedo, Barão de Alcochete, Conselheiro Vellez Caldeira, Elias dos Santos Miranda e do Redactor da REVISTA.

Senhores Deputados da Nação Portugueza.

479 A Sociedade Promotora da Industria Nacional vem, mui respeitosamente perante vós, cumprir a sua missão de defender e promover os interesses industriaes.

A interpellação que sobre — Pautas — se verificou em a sessão de 27 de Abril proximo passado, occupou immediatamente a attenção de todos os interessados na industria fabril, bem como a attenção desta Sociedade; não só pelo modo como as fabricas nacionaes ahi foram julgadas; mas mui principalmente em consequencia das declarações do Governo.

A Sociedade Promotora da Industria Nacional está convencida, de que a industria fabril, signifícando já uma avultada somma de trabalho nacional, e tendo sido desenvolvida em virtude do systema protector das Pautas, deve ser defendida e promovida como sendo um dos mais poderosos e seguros elementos da prosperidade publica.

É incontestavel que Portugal carece de braços para o trabalho, e de valores que se possam trocar pelos productos do solo; é tambem incontestavel, que o desenvolvimento da industria fabril lhe pode ministrar estes importantes e indispensaveis recursos. Entre os meios que devem concorrer para a solução da questão financeira, que pesa sobre o paiz, por certo que o incremento da riqueza nacional é uma das que mais fortemente pode concorrer para esse fim. O imposto será nullo em qualquer systema financeiro, se a sua imposição não andar em relação com o fomento das forças vitaes do paiz, representadas pela productividade da terra, pelo trabalho, e pelo preço dos capitaes.

Expostos estes principios fundamentaes, que servem de base a todos os actos da Sociedade Promotora da Industria Nacional, não será difficil concluir:

Que a industria fabril é uma das nossas maiores necessidades economicas; e que se tem desenvolvido em virtude das Pautas a ponto de servir de emprego a avultados capitaes e ser o unico recurso de milhares de familias.

Nesta situação, a Sociedade julga da maior importancia a declaração feita pelo Sr. Presidente do Conselho de Ministros na já citada sessão, quando disse:

« Que o Governo se occupa de examinar se algum dos artigos das Pautas que se acham em execução, carecem, ou não carecem de ser alterados, e que se o tempo o permittir ainda nesta sessão, o Governo informará o Corpo Legislativo do que ha sobre o ponto. »

As Pautas não podiam ser perfeitas, nem podem conservar sempre todas as suas disposições, sem que algumas sejam modificadas. A Sociedade não duvida appresentar mui francamente esta sua opinião; mas julga tambem do seu dever asseverar o mais solemnemente possivel, que as alterações, que forem contrarias ao systema protector, serão a ruina das fabricas nacionaes; isto é, serão o acabamento de uma parte essencial da riqueza do Estado.

A Sociedade espera que na declaração do Governo se involva tacitamente o compromettimento, de que as alterações projectadas, se façam sem contrariar os principios da protecção.

A Sociedade não podendo prever quaes sejam essas alterações, e reservando-se para sobre ellas vos representar em tempo opportuno o que julgar a proposito, desde já vos appresenta a conveniencia de que a Pauta se mantenha como a expressão do systema protector, bem como a indispensavel necessidade, de não proceder a taes alterações, sem ter ouvido por consultas ou inqueritos todos os interesses, que se ligam nos differentes actos da producção fabril.

A Sociedade não findará esta breve exposição dos receios que se tem manifestado na classe fabril, desde a interpellação a que se refere, sem vos fazer conhecer a magua com que lhe constaram algumas appreciações feitas por essa occasião, a respeito do estado da nossa industria.

A Sociedade para cumprir plenamente a sua missão, fará o sacrificio de vos recordar o que ante vós se disse, como consta do extracto das vossas sessões, publicado no *Diario do Governo* n.º 99: —

« Que isto de fabricas em Portugal era uma historia,

« Que mesmo aquillo que se dizia ser feito nas nossas fabricas, não eram senão coisas de contrabando,

« Que o que sahia das fabricas portuguezas que tinha geito era contrabando,

« Que o que não tinha geito é que era feito nas nossas fabricas,

« Que esta era a verdade. »

A Sociedade nada dirá pelo que respeita ao Governo, que em documentos que vos tem appresentado vos asseverou o contrario do que deixa citado, pois que vós mesmos, já do alto do Throno ouvistes expor rasões, que provam que a industria fabril em Portugal é uma realidade.

Quanto ao que directamente se refere aos fabricantes, ahi estão abertas ao paiz as portas das suas fabricas, para plenamente provarem que são officinas de trabalho nacional e não depositos de contrabando.

Um ponto de honra obriga a Sociedade a vir, perante vós, fazer-vos uma energica e solemne declaração a este respeito.

Á Sociedade Promotora da Industria Nacional se devem as unicas Exposições industriaes que tem havido no paiz, e nas quaes os progressos de muitos ramos da industria se tem provado, e a perfeição de outras se tem admirado.

Se fôra verdade que — *o que se diz ser feito nas nossas fabricas, não são senão coisas de contrabando;* e que *o que sae das fabricas portuguezas, que tenha geito é contrabando* — seguia-se que a Sociedade tem mentido ao paiz, quando denominou essas exposiçõe

— Exposições da Industria Nacional, — pois que em tal caso seriam exposições de contrabando.

A Sociedade, pelo modo mais solemne, vos assevera á frente do paiz e em nome da honra de cada um dos seus socios — que não é verdade, *que o que sahe das fabricas portuguezas seja contrabando!* — e tambem vos assevera que *todos os productos appresentados nas suas Exposições são Nacionaes!*

A Sociedade, confiando nos deveres que vos são impostos, como Representantes da Nação, espera que sejam por vós attendidas as suas considerações ácerca da conveniencia, de só alterar as pautas em virtude do systema protector, e tambem espera que seja por vós acreditada, quando defende a probidade das fabricas nacionaes.

Sala das Sessões do Concelho Director da Sociedade Promotora da Industria Nacional, 4 de Maio de 1850. — (Assignado) — *Duque de Palmella.*

COMMERCIO DE CEREAES AO NORTE DO REINO.

Publicamos, com a maior satisfação, o artigo que se segue ácerca do commercio dos cereaes ao Norte do Reino. Oxalá que os nossos rogos tão repetidos, e alguns exemplos honrosos, similhantes ao que hoje apresenta o Sr. Henrique José Ferreira Lima, fossem motivos que resolvessem os nossos lavradores a aproveitar-se das columnas do nosso jornal, para promoverem os interesses do paiz, publicando as suas opiniões e os seus principios agricolas.

480 A leitura do n.º 26 da REVISTA LISBONENSE, de que sou assignante, suscitou-me a idéia de lhe dizer alguma coisa do estado dos cereaes nesta parte da Provincia de Tras os Montes; porque a REVISTA escrevendo em Lisboa não póde de certo tratar a questão, que se agita naquelle numero, em relação a todos os pontos do Reino, sem que as differentes localidades lhe ministrem alguns esclarecimentos.

É de manifesta vantagem para a agricultura em geral a adopção da proposta do Sr. Deputado F. A. M. da Fonseca, reduzida já a projecto de lei pela Commissão de Commercio da Camara dos Srs. Deputados; mas, parece-me que o beneficio resultante da maior exportação só tocará mais de perto aos pontos productores, que estiverem proximos a rios navegaveis, ou que tiverem boas estradas, que conduzam aos pontos em que os generos se possam ou devam exportar — mas, neste local, não temos proximos rios navegaveis, nem estradas transitaveis, nem outro algum meio de facil conducção, quer para o Douro, quer para qualquer ponto de exportação; assim se quizermos levar os nossos cereaes a qualquer destes pontos, ou se os exportadores, ou outros quaesquer especuladores quizessem vir aqui compra-los para os exportar, quando chegassem a qualquer local, em que se exportassem, levavam já sobre o custo um excessivo augmento de despeza, que os tornaria carissimos, e por conseguinte incapazes de competirem com os generos produzidos nas localidades proximas desses pontos de embarque, ou que para elles tenham rios navegaveis, ou estradas. Temos por tanto absoluta necessidade de uma boa estrada, que partindo desta Cidade leve nossos fructos ao Douro, para os conduzirmos depois por agua para um centro (o Porto) onde podessem ser exportados, com o que a agricultura desta Provincia muito utilisaria. — Já por differentes vezes as Juntas Geraes deste Districto tem votado alguns meios para se dar começo a essa estrada, que partindo de Bragança devia seguir até ás Cabanas proximo a Moncorvo, onde se projectava tambem fazer um bom cáes; mas estes planos tem por ora sido adiados, talvez porque a feitura de tal estrada é superior aos meios de que a Junta pode dispôr, e o Governo não quer ou não pode ajudar obra tão util, e que abria a uma grande parte deste Districto novos mercados aos nossos productos agricolas. — Além da falta de estradas, ha ainda um outro mal, e que prejudica muito a nossa agricultura, e que é talvez a causa, senão unica, ao menos a principal da decadencia dos preços dos cereaes. Tambem aqui tem augmentado muito a producção de cereaes, e por conseguinte tem o seu preço baixado; mas esta baixa, que agora é excessiva, tem outra causa, e é ella o contrabando de trigos e centeios hispanhoes, que nos entram diariamente, já não digo pela raia secca, por que esse sempre o houve, e é inevitavel, mas pelo rio Douro, que os nossos governantes tão inconsideradamente abriram aos hispanhoes: digo inconsideradamente, não porque não se alcance a vantagem de tornar navegaveis todos os rios que temos communs com a Hispanha; mas sim porque similhante navegação se tornou sómente para os hispanhoes um grande beneficio, sem que a nós nos proviesse uma só das muitas vantagens que de tal medida podiamos esperar.

Antes do tratado e regulamento da navegação do Douro, era este Districto que fornecia de cereaes toda a margem direita do Douro, e o mesmo Porto, e por conseguinte os nossos trigos serodios tinham sempre facil e prompta sahida, eram muito procurados, porque os almocreves que vinham do Porto com fasendas de algodão para o commercio que fazemos com a Hispanha, voltavam com cargas de cereaes, já daqui, já dos outros pontos da estrada, e que vendiam logo quer em Villa Real, quer nos outros pontos proximos ao Douro. O lavrador contava com o serodio para pagar todas as contribuições, e para as suas despezas extraordinarias, e por isso cultivava-o com esmero. Abre-se, porém, a navegação do Douro para os hispanhoes, e immediatamente cessa a nossa exportação, porque ambas as margens deste rio são inundadas com cereaes hispanhoes de toda a qualidade, com os quaes os nossos não podem competir, já porque aquelles são produzidos nas fertilissimas campinas de Castella, já pela barateza da conducção feita sempre por agua, já finalmente porque em Hispanha está a agricultura muito mais adiantada que entre nós, e por conseguinte não é tão dispendiosa como a nossa, feita ainda como na infancia desta sciencia. É este contrabando o verdadeiro mal, que convém remediar-se promptamente, porque do contrario dentro em pouco tempo acabou a cultura dos cereaes, nesta parte do Districto. Ha no Douro o porto fiscal

da Barca d'Alva, e um destacamento forte, de força armada, mas nada disto tem obstado, nem obsta á entrada de cereaes. Os interesses dos contrabandistas e dos negociantes que se empregam neste trafego são immensos, e por isso cobrem todas as despezas que lhes são necessarias para a introducção; é facto incontroverso que grossas sommas tem sido dadas já a alguns dos encarregados da fiscalisação, já aos destacamentos: e caso averiguado é que os cereaes entram effectivamente em grandes quantidades; que as margens do Douro e os pontos proximos, assim como o Porto, são abastecidos de cereaes hispanhoes de contrabando, e que os nossos ficam apodrecendo nas tulhas, e hoje nem por infimo preço acham sahida, por que os almocreves preferem levar outros generos, ou não levarem carga, a levarem os cereaes que já não podem vender. Muitos dos nossos lavradores vão deixando de semear serodios, mas nem todos tem os meios de fazer innovações, e parece-me que aquelles que as tentarem, tendo de luctar com muitos obstaculos, teem de se vêr sós, e sem ajuda nem do Governo, nem de associações, hão-de necessariamente succumbir.

Resumindo, duas são as principaes causas do estado decadente da agricultura dos cereaes, o augmento de producção, e o contrabando de cereaes estrangeiros (hispanhoes), que se faz pelo Douro.

Com a approvação da proposta do Sr. Deputado Fonseca, hão-de uma grande parte dos nossos cereaes ter sahida para exportação; resta remediar o contrabando, para elle chamamos a attenção do Governo: tome elle, porque o póde fazer dentro da esfera de suas attribuições, medidas energicas para evitar este grande mal, que a nossa agricultura está soffrendo, e que a continuar ha-de acabar com ella; dê um terrivel exemplo no primeiro empregado fiscal, ou commandante dos destacamentos da Barca d'Alva, que poder convencer de connivencia com os contrabandistas. Se o Governo não sabe quaes as medidas que convém tomar, consulte a Junta deste Districto, o Governador Civil, e as pessoas do Districto que forem competentes na materia, e interessadas na extincção do contrabando, e verá como elles suggerem meios de pôr fim a tal escandalo. Lembre-se o Governo que as medidas que se precisam, não são simples ordens geraes, como até aqui tem acontecido, precisam-se providencias energicas e especiaes, e talvez até muito conviesse ao Governo pôz á testa da Alfandega da Barca d'Alva um empregado das Alfandegas de Lisboa, de reconhecida probidade e intelligencia.

Bragança, 18 de Abril de 1850.

HENRIQUE JOSÉ FERREIRA LIMA.

MODO DE EMBRANDECER O MARFIM.

481 Ha tempo que se preparam em Pariz, e entram no commercio, objectos de marfim, que são semi-transparentes, e que mergulhados em agua ou leite quente se embrandecem e adquirem certa flexibilidade. Era isto um segredo peculiar de poucos fabricantes, que M. Geisler procurou descobrir por meio de uma serie de experiencias, que finalmente o conduziram a satisfatorio resultado.

Para aquelle effeito, immergem-se os referidos objectos de marfim n'uma solução de acido phosphorico, do que no commercio se denomina *puro*, do pezo especifico de 1.130; deixam-se estar mergulhados até que adquiram um aspecto translucido; neste caso tiram-se, lavam-se com agua e enxugam-se com um panno macio. Por este simples processo se tornam muito flexiveis; sendo expostos ao ar endurecem, mas ficam brandos todas as vezes que forem immergidos em agua quente. — O acido phosphorico menos concentrado não produz effeito. Quanto ao tempo da immersão não póde fixar-se exactamente, por quanto ha qualidades de marfim que tendo egual grossura requerem todavia muito mais tempo para ganharem flexibilidade.

Tambem se não consegue esta modificação por meio de outros acidos, taes como o sulphurico, o chlorhydrico, o acetico.

Sendo o marfim composto de $\frac{3}{4}$ de phosphato de cal com um pouco de carbonato desta base, e $\frac{1}{4}$ de substancia gelatinosa, parecia que á acção do acido phosphorico era devida a dissolução de uma parte da cal: o exame microscopico, feito por Mr. Oschatz no marfim amollecido e no marfim natural, mostrou que esta substancia não soffre alteração alguma na sua estructura, como seria de esperar.

INSTRUCÇÕES QUE SE DEVEM OBSERVAR NA COMPRA DE UM CAVALLO JUMENTO OU MUAR.

482 Antes de indicarmos ao comprador a maneira como deve conduzir-se no exame das muitas regiões em que se divide o corpo do cavallo e suas especies, exame, que póde ter logar dentro da cavallariça, sem que dahi resulte para o comprador grande prejuizo, mas que sempre é mais conveniente que se realise fóra della, e em terreno plano, lembrou-nos fazer algumas reflexões sobre certas partes da cabeça, que apesar de as não termos reputado essenciaes na averiguação que fizemos desta extremidade do corpo, visto a sua apparente collocação, nem por isso deixam de merecer alguma importancia depois de effectuada a compra.

Todo o possuidor de cavallos deve estar precavido contra a preguiça e desmazello das pessoas encarregadas do seu quotidiano tratamento, e contra os methodos desarresoados e extravagantes que os ferradores empregam na cura de suas enfermidades, de contrario, ha de ser muitas vezes surpreendido com a inesperada morte daquelles de seus animaes aos quaes uma boa edade e uma saude vigorosa promettiam longa duração e aturados serviços.

A nuca é a parte que fórma o cume da cabeça e onde faz o seu apoio aquella dependencia da cabeçada que se chama *cachaceira*.

O pó das forragens, e os tenues fragmentos que caem da mangedoira na occasião em que os animaes comem, depositando-se na nuca, originam irritações, que terminam pela sarna ou por chagas, as quaes degeneram muitas vezes nesse terrivel mal que é conhecido pelo nome de — *talpa* ou *testudo*.

Quando esta ulcera chega a caracterisar-se de todo,

é de difficil cura e quasi inevitavel a perda do animal.

O attrito continuado da cachaçeira e as pancadas dadas, com violencia, entre as orelhas, pódem tambem produzir a talpa.

É, pois, conveniente conservar a nuca na maior limpeza possivel, para o que se obrigará o palafreneiro a passar, ao menos uma vez cada dia, a escova e o pente pelo alto da cabeça, e pelo topete, pincel de crinas, que pende sobre a fronte do cavallo, e suas especies; o evitar com cautella todas as causas que possam directa ou indirectamente molestar estas partes.

Ás orelhas tambem sobrevém algumas vezes certos tumores, abscessos, etc. que são o resultado da irreflectida applicação do chicote sobre estes appendices da cabeça, e que facilmente se dissipam usando de um simples tratamento local.

O veterinario nunca elege a superficie auditiva para por ella administrar medicamentos, que sejam destinados a combater lesoes cuja séde não esteja no orgam do ouvido; por isso mesmo que ha na economia animal outros pontos, que em virtude de certas condições anatomicas e funccionaes, constituem excellentes vias de administração, que são muito menos perigosas e muito mais proprias e commodas para o emprego das substancias medicamentosas.

Todavia, os ferradores como ignoram esta e outras verdades, que só são conhecidas dos homens da sciencia, costumam, sobre tudo os que habitam nas immediações da capital, em casos da existencia de varios achaques na cabeça, verterem as suas moxinifadas medicinaes dentro do conducto auditivo, porque dizem elles, que é este o caminho que mais proximo está do logar do mal, e que por consequencia o remedio deve gastar menos tempo em lá chegar e em produzir o seu effeito.

O que resulta desta pratica altamente estupida e charlatanica de prompto se prevê, e é que mettendo elles muitas vezes nas orelhas corpos de uma natureza summamente irritante, estes ali produzem uma inflammação intensa, que é de ordinario seguida da surdez, quando não occasiona o turpor dos sentidos, e a vertigem aguda, padecimentos estes, que mui seriamente ameaçam a vida dos animaes que os experimentam.

Deve, pois, evitar-se que o ferrador medique o cavallo pelo ouvido quando não for este o sitio doente.

Aquella ligeira depressão que no cavallo se estende desde a base da orelha até á garganta contornando a ganacha, até fazer a juncção lateral do pescoço com a cabeça, é o que se chama *região parotidiana*, pelo facto de ter por base uma das glandulas salivares que recebeu a denominação especial de parotida vulgo *oliva*.

As degenerescencias scirrhosas da glandula, as fistulas que a interessam ou o seu canal excretor, a obliteração deste, &.ª são accidentes morbosos que tornam muitas vezes indispensavel a *adénotomia parotidiana* ou a extirpação da parotida.

Esta operação, que pela sua gravidade e delicadeza, só póde e deve ser feita pelo veterinario, porque só elle conhece a fundo a structura organica do sitio operado, e, o que mais é, só elle sabe calcular a opportunidade da sua urgencia, é algumas vezes imperfeita e barbaramente praticada pelo ferrador, que, sobre ignorar o verdadeiro processo operatorio, que é força seguir em tal caso, e a anatomia da parte em questão, é alem disso incompetentissimo, note-se bem, para apreciar a circumstancia morbida que reclama a extracção da parotida, do que resulta commetter desacertos, que põe sempre em risco a vida do animal.

Cumpre, portanto, não consentir ao ferrador que debaixo de qualquer pretexto extráia nem a mais pequena porção da glandula parotida. Sobre as desordens deste orgam convem unicamente ouvir o veterinario, porque só elle as poderá remediar com acerto.

A primeira região do corpo, propriamente dito, que logo depois da cabeça se appresenta á observação do comprador é o *pescoço*.

Quando naturalmente o poder contrahente das carnes do pescoço é fraco, e bem ao contrario, consideravel o seu desenvolvimento, nota-se muitas vezes na base das crinas um excesso de volume, devido á grande desenvolução de um tecido de natureza lardaceo, o qual com o correr do tempo vae insensivelmente inclinando-se para uma destas taboas (faces ou lados do pescoço) e arrastando neste seu movimento descencional a crineira, acaba em ultimo logar por formar isso a que vulgarmente chamam *gato* ou pescoço pendente, o que é um grande defeito.

Outras vezes, o que é mais para receiar, a pelle, que nestas circumstancias é sempre muito frouxa, greta-se, e fórma fendas transversaes, as quaes pondo a descoberto o precitado tecido, e facilitando o contacto directo e continuo do ar, do pó, etc., com a sua superficie fazem com que esta se irrite, e uma inflammação de mau caracter, a que os hispanhoes chamam *ronha* ou *usagre*, cujo principal effeito é a queda das crinas; é a consequencia necessaria deste estado de coisas. A falta de limpeza do bordo crinal é sufficiente para de per si só causar esta molestia.

O *gato* apparece de preferencia nos cavallos velhos que teem, já se vê, aquella conformação, mas nem por isso deixa tambem de observar-se em animaes, cujo pescoço é bastante esguio e descarnado; nos cavallos que puxam pelas nossas seges de aluguel, vêem-se alguns com o *gato*, tendo aliás as taboas muito longas e magras. Mas neste caso é elle sempre dependente, ou de ser a crineira muito basta e pesar toda sobre um dos lados do pescoço, ou da má direcção que o boleeiro ordinariamente imprime á cabeça e pescoço do animal que puxa os varaes da sege; evita-se o primeiro defeito cortando a crineira pela sua parte inferior e desbastando-a, ou o que ainda talvez seja melhor repartindo-a, de modo que venha a cahir egualmente sobre ambas as taboas; para corrigir-se o segundo, era preciso que os individuos que boleiam lessem este artigo, o que é um impossivel, e especialmente se convencessem da verdade daquella nossa asserção.

Alguns dos nossos alquiladores querendo antes curar do que previnir, e persuadidos de que podem destruir o *gato*, usam suspender ás crinas, no lado opposto áquelle onde existe o defeito, porções de barro humedecido ou pequenos saccos cheios de areia, esperando com este meio alcançar a sua total desapparição; porém a acção especifica dos pezos o muito que

faz é desvanecer um pouco o *gato*, e já mais constranger o pescoço a vir occupar definitivamente esta posição; e ainda assim para se obter este effeito incompleto é necessario muito tempo: — nós não aconselhamos esta pratica por incommoda, imperfeita e inutil.

Não poucas vezes se notam no pescoço dos cavallos superficies callosas, que são outras tantas marcas ou impressões que os sedenhos deixam sempre ficar depois de sua applicação; ora, estes só alli se mandam abrir quando se leva em vista combater certas affecções de um caracter grave, e que mostram uma decidida tendencia a periodicidade, como são, a fluxão lunatica, a purgação chronica, os ataques vertiginosos, etc., e por isso já vê o comprador de quanta vantagem lhe é o não se agradar de um cavallo que tenha o defeito dos callos, porque mais mez menos mez vem a repetir-se a molestia e assim se não succumbe fica pelo menos por muito tempo incapaz de serviço.

Quando tambem se perceber que existem grandes cicatrizes em qualquer das *juguleiras* (excavações ou gatteiras longitudinaes que estão na parte inferior e lateral do pescoço, prolongando-se desde a garganta até á entrada do peito, e que tiram o seu nome das veias jugulares, que passam neste logar: — é nestas veias onde mais geralmente se sangra), deve logo presumir-se de duas coisas uma, ou que o animal já teve lamparões, ou que a jugular está destruida ou obliterada.

Effectivamente, acontece que circumstancias filhas do acto na sangria e outras a este alheias, dão muitas vezes causa a que appareça um accidente morboso, que se denomina — *thrombo* ou *mal de sangria* — do qual ordinariamente se triumpha como o attesta a cicatriz que fica depois da cura; mas o que nem sempre conseguem oppor-se os esforços da arte é á destruição ou á obliteração da jugular que se gera do thrombo, donde resulta, reflicta bem o comprador, que vindo a restar só uma jugular para conduzir o sangue da cabeça ao coração ao passo que deste continua a ser para alli transportado pelo mesmo numero de arterias, accelerando-se a circulação por qualquer motivo, no exercicio, por exemplo, o sangue accumula-se em grande copia no cezebro e produz o estupor, e as apoplexias fulminantes que poem prompto termo á vida do animal. Este effeito será tanto mais evidente quanto mais recente fôr a anniquilação da veia, por isso mesmo que então ainda não tem decorrido o tempo indispensavel para ter logar o restabelecimento da circulação por outros canaes.

Para o comprador ficar intimamente convencido da integridade das veias jugulares deverá collocar o extremo dos dedos sobre a gotteira, junto da garganta, e carregando naquella a fim de interceptar o curso do sangue e indo depois a mão descendo gradualmente, verá, se ella estiver intacta, começar a mexer-se por ondulações successivas e por fim formar uma especie de corda; quando a veia tem sido anniquillada este phenomeno não póde manifestar-se.

Os lamparões quando apparecem no pescoço occupam particularmente a gotteira jugular onde formam pela disposição especial que costumam affectar uma sorte de rosario; é este rosario, que sendo destruido pela applicação de pontas de fogo, que constitue as cicatrizes que alli é possivel encontrar. Um cavallo que uma vez teve lamparões, e dos quaes se curou, fica depois sempre habilitado a contrahil-os de novo, — o caso está que o colloquem no meio de circumstancias capazes de pôrem em actividade a causa latente da molestia, o que é muito facil de acontecer.

Os lamparões reincidentes são sempre incuraveis.

De tudo que levamos exposto a respeito do pescoço, se deduzem os seguintes preceitos: 1.° que os seus musculos devem ser firmes e robustos, sobre tudo os que se avisinham da crineira; 2.° que não devem existir sobre as taboas, cordas ou callosidades allongadas, e 3.° que as jugulares devem mostrar-se bem visiveis, e o pello que as guarnece, não occultar debaixo, sinuosidades ou cicatrizes muito pronunciadas.

JOSÉ MARIA TEIXEIRA.

Lente Substituto da Eschola Veterinaria.

(Continúa.)

NOVOS INVENTOS E SUA INTRODUCÇÃO.

O artigo que hoje começamos a publicar, escripto por um dos nossos collaboradores mais competentes em assumptos industriaes, deve chamar mui particularmente a attenção do Governo, dos fabricantes, e das mais pessoas que se interessam nos progressos e credito da Industria Nacional. Recommendamos com empenho a sua leitura.

483 Nada ha mais justo do que animar e promover as descobertas uteis, as invenções e melhoramentos industriaes conferindo aos inventores e aperfeiçoadores o privilegio de explorarem elles sós, durante certo periodo, as suas invenções ou aperfeiçoamentos. Tambem se não póde negar o direito que tem os introductores de um novo invento n'um paiz a uma certa recompensa e galardão, pelo serviço que prestam introduzindo e fazendo conhecer processos, productos, ou artefactos novos, de vantagem e merecimento conhecido já em outras terras.

Mas é este um objecto que precisa de ser regulado com toda a prudencia, circumspecção e conhecimento de causa, porque póde ser origem de grave prejuiso para a industria, e muito oneroso aos consumidores, por que delle nasce o monopolio.

Podiamos demonstrar, sem grande difficuldade, que a maxima parte dos privilegios concedidos em Portugal, (não falando mesmo nos monopolios reaes de polvora, tabaco e sabão) não tem produzido senão inconvenientes, sem premiarem merecimento de qualidade alguma. Se algum dia fôr necessario, entraremos na analyse do direito com que alguns industriaes, que exploram fabricações muito importantes, tem gosado de privilegios exclusivos de invenção a longo praso, e do grave damno que dahi tem provindo ás industrins que dependem das suas.

E de que nascem estes inconvenientes? Em primeiro logar da insufficiencia da lei de 16 de Janeiro de 1837, que regula estas concessões; em segundo logar da in-

competencia racional das pessoas a cujo cargo estão as concessões, e em terceiro e ultimo logar da ignorancia do direito industrial, que compromette gravemente as partes interessadas, em questões desta naturesa. Muitas destas questões tem sido julgadas injustamente por falta das convenientes alegações.

A maneira por que a lei é executada facilita as uzurpações, e as mentiras mais escandalosas. Quem quizer póde dar-se como inventor de um processo, ainda que este seja conhecido, e explorado de longa data n'outros paizes, obter um privilegio de monopolio, e crear assim um obstaculo á concorrencia, suscitando difficuldades aos que pertenderem explorar os mesmos processos, a que tem direito por haverem já aquelles processos entrado no dominio publico, lançando finalmente uma contribuição pesada sobre os consumidores e tolhendo a perfeição dos productos, que é uma das consequencias da concorrencia intelligente.

Para evitar todos estes, e ainda outros inconvenientes, devêra crear-se um tribunal especial annexo ao Conservatorio das Artes e Officios — estabelecimento que hyberna ha longos annos nas pastas e nos orçamentos do ministerio do reino — tribunal que intendesse das questões industriaes, que verificasse o direito dos inventores e introductores, e que tivesse a seu cargo o publicar regularmente os progressos que as artes industriaes vão fazendo dentro e fóra do reino; descrevendo principalmente os processos fabris que passam para o dominio publico por haverem expirado os prasos das patentes de privilegio exclusivo.

Não existe este tribunal, nem repartição alguma que o substitua, e passarão largos annos sem que se crie, porque não é dos interesses economicos do paiz, que se occupam os que governam; mas a REVISTA que tem sempre campeado pelo progresso industrial do paiz, ir-se-ha oppondo á invasão dos monopolistas, publicando, senão todas, ao menos os mais notaveis aperfeiçoamentos e conquistas das artes uteis, que mais interessam ao consumo geral, por se incumbirem da preparação dos productos de primeira necessidade.

Consagraremos o nosso primeiro artigo á descripção dos *acidos gordos* por *destillação* que se applicam hoje com muita vantagem á preparação de velas, que reunem á bellesa do producto a baratesa que as faz accessiveis a toda a ordem de consumidores

J.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XII.

Paginas intimas.

(Continuado de pag. 361.)

484 O orgulho? Será esta a unica consolação para quem soffre?

E vejo, que é ao menos, o que me resta, de tanto affecto ludibriado, de tanta esperança mentida, de tanta illusão desfolhada em flôr.

Morreu para mim o culto da mulher, quando ella ama outro. Agora sinto que expirei para o sentimento.

Não era o meu destino, topar uma fonte no deserto, olhar uns olhos que affrontassem o sol como os da aguia.

Nos meus sonhos phantasticos eu antevia um typo ideal, anjo e fada, que me abrisse o céo n'um sorriso: voou um instante nos prestigios de uma noite encantada, depois profundou-se no coração, para o rasgar de continuo.

Sombra vaporosa, que me persegue como um remorso, que me affaga a imaginação, para me fazer sentir que a felicidade, embora me illuminasse a alma em rapidos clarões, é para mim uma palavra sem sentido, uma aspiração repudiada pela mão da fatalidade, e orphã da esperança!

Oh! nesses momentos em que um demonio, que é formoso como um anjo, se senta ao meu lado, para me dizer estas palavras: « O amor! O amor! » e que o meu coração desfallece de desalento, e desolação, não invejo eu a sorte da violeta selvagem, que a sua mão desfolhou descuidosa, e distrahida, n'algum passeio solitario?

Ó roza, pousarias tu na sua fronte, roçarias os seus labios, serias embalsamada com algum suspiro, que a sua alma votasse a uma recordação querida?

Confiou-te ella algum segredo innocente, algum dezejo culpado? Estiveste unida ao seu peito, quando pela primeira vez palpitou por outro homem?

Se é assim, flôr, eu te amaldiçôo! Se ouviste o som de um beijo, se foste testimunha de algum juramento sacrilego, se a respiração della te roubou a frescura, hei-de atirar-te á corrente impetuosa do rio, e depois vêr-te cuspida na espuma da vaga, sem brilho, sem belleza, e sem perfume!

E o mundo ha de ignorar sempre estas fraquezas do meu espirito. Não! Que elle cospe nas mais sanctas affeições o escarneo de uma desconfiança atroz. Não! que elle envenenaria a castidade moral de um amor profundo, e mancharia de damnados aleives os mysterios do coração.

E para que? Que valem ás cinzas arrefecidas do Tasso, as lagrimas, que alguns olhos choram sobre as amarguras do seu amor desditoso? Que importa á alma do corajoso proscripto florentino — do immortal Dante — que um enthusiasta do seu genio, confie aos eccos da campina, o nome saudoso da sua Beatriz?

Oh! não! não! eu já não sou, eu já não quero ser poeta: se o amor me abandona, não heide agora prostituir os sons da lira, a revelar ao mundo a intensidade do meu soffrimento, e os abysmos da minha dor!

Para que affoguei eu o coração nesse sonho inconstante e fugitivo? Não sabias tu — imprevidente sceptico! — que o amor da mulher desfaz em lagrimas pungentes todos os thesouros, todas as commoções da alma?

Para que é que o anjo da poesia pousaria na minha testa o seu beijo inflammado? Para que eu suicidasse a minha gloria, para que eu lançasse na depravação de uma vida inutil, todas as pedras da coroa, que Deus me havia posto na cabeça?

Porque não ha nome para este tremendo supplicio. Porque, quando o poeta, não vê no horisonte da existencia, uma mulher que sorri para o consolar, que lhe enxugue as lagrimas, que lhe abrande a febre qne o devora, que lhe desfolhe uma flôr na senda espinhosa que o leva ao martyrio, é atirar para longe, os dons do talento, e embrutecer o espirito nas loucas dissipações da devassidão.

Ás vezes, sinto uma voz severa que amaldiçoa o meu desespero, e comdemna a minha inacção: « Despe-te desse indomavel orgulho que te devora: ama, e verás que desabrochas outra vez, como a flôr, ás delicias da existencia: ama, e chorarás lagrimas saudosas, e o anjo da poesia hade adejar em torno do teu berço, como se renascesses de novo a todos os prestigios do mundo! »

Ó, amor tu não habitas na terra: nem no olho negro da odalisca, que se banha nas aguas como o cysne: nem no olho azul da ingleza que se fina lentamente, sem que adivinhem o que ella sente no coração. És o pomo vedado do paraiso: ai da mão que te colhe, que perdeu para sempre as illusões: ai do labio cubiçoso que te devora, que tem de amaldiçoar o aroma que te perfuma, o sabor que te enfeitiça!

Imagem mentirosa, que te desfazes se te alcançam: flôr formada pelo pensamento, e que te desfolhas, se o pensamento te bafeja de perto: oasis phantastico, que apenas o viajante te assomma ás portas, desappareces como as nuvens de arêa açoitadas pelo vento abrasador do deserto! . . . . . .

E a imagem della não foge pelos impulsos da minha vontade. Apparece-me, em sonhos, vem assentar-se triste e pensativa ao meu lado, com um sorriso que me nega a esperança; ou vejo-a, com os olhos accendidos, com os labios palpitantes, debruçando-se, para escutar as palavras de outro homem, para se embriagar com os sons de sua voz!

Se os mortos dormem em paz no seio da terra, para que me ha de viver, de continuo, este sentimento, no intimo da alma? Não é acaso a felicidade, uma aspiração mentirosa, que se não realisa neste mundo, e que morre comnosco para sempre, na cova solitaria que nos confunde com o resto da creação? Não são os extasis passageiros da vida symbolisados pela planta partida na haste, humida ainda dos orvalhos da manhã?

É que eu não levo comigo nem um sorriso dos seus labios, nem um olhar dos seus olhos, nem um som terno da sua voz, nem uma oração fervorosa da sua alma! É que a minha esperança não floriu um momento, embora a desgraça a tivesse depois de desbotar de sangue, ou de a orvalhar de lagrimas! É que ella ha de morrer, ignorando o muito que a amei, o muito que padeci por ella! É que verá o epitaphio singelo do meu tumulo, sem que uma palavra de piedade bafeje as pobres flores que nascerem alimentadas pelas minhas cinzas!

É que me não despresou, é que me não trahiu, é que não me abandonou; foi peor ainda: não me conheceu!

Ó Petrarca! ao menos a tua Laura sabia a musa mysteriosa dos teus cantos immortaes!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

ILLUSÃO.

Romance.

E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha,
Que o que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como.

(Bernardim Ribeiro.)

485 Vae a formosa Silvana
Pelo oiteiro escalvado,
O passo leva apressado,
A esperança a movia!
Muda a bocca não sorria,
Nem os negros olhos bellos
Para o céu ousava erguel-os;
Toda ao seu cuidado entregue,
Não demora o passo, e segue
No continuo caminhar!
Esconder-se-hia no mar
O sol em fogo abrazado;
Um vapor embalsamado
Exhalava a natureza!
Brotam lyrios na deveza
De nevada formosura,
Escondidos na verdura
Mal se veem branquear!
Andam na selva a cantar
Avesinhas de mil côres,
Descantando os seus amores,
Coitadas carpindo vão!
¿Onde vae teu coração,
Ai', Silvana, aonde vae,
Que assim comprimes um ai
Que dos labios se ergue á flor?
Toda entregue á tua dor
Corres sem saber aonde!
Ella muda, não responde,
No seio o rosto inclinado,
Leva na mente um cuidado,
E apoz elle uma esp'rança,
Não socega, nem descança
Em quanto a não vir cumprida!

Passava tão leda vida
Entregue toda ao folgar,
Que mal cuida no pezar
Quem amor nunca sentiu.
Eis que azinha uns olhos viu
Que aos seus olhos se volveram:
Maus feitiços lhe elles deram,
Que depois que os enxergou
Nunca mais riu, nem folgou!

Foi uma visão do céu
Que na terra appareceu,
Ou talvez o pensamento
Que em delirio n'um momento
Lhe correu desordenado!
Agora cumpre o seu fado
Procurando aquella imagem
Ou do rio junto á margem,
Ou no mais alto da serra,
Alli póde ao céu e á terra
Que lhe cumpra o seu desejo.
« Onde estás que te não vejo?
« Onde estás meu cavalleiro,
« Que em tão negro captiveiro
« Me deixaste o coração?
« Tão galhardo e tão loução
« É teu porte em demazia;
« Brilham mais que a luz do dia
« Teus olhos da côr do céu!
« Melhor fôra em negro véu
« Trazer meus olhos vendados
« Quando dos teus inspirados
« Aquella vista lançaste!
« Ai, mas onde te occultaste,
« Que te não tornei a ver?
« Não te canças de correr
« Naquelle corcel montado,
« Que tão bem ajaezado,
« Gentil corpo te sustinha?!
« Dize, por desgraça minha
« Onde te levou cruel
« Aquelle negro corcel,
« Que sem perder um instante,
« De cançasso agonizante
« Pela terra te procuro,
« Sem ter um logar seguro
« Onde te possa encontrar?! »
Já não póde mais andar,
Ia nos confins da serra,
Lança o corpo sobre a terra,
Para vêr no fundo o mar
Que em baixo corre a brilhar!
. . . . . .
. . . . . .
Quando alli por sobre o oiteiro
Vae passando um cavalleiro,
Cuja armadura de prata
Sobre as aguas se retrata!
« Ai lá vais!... achei-te alfim!
« Meus cuidados deram fim!
« Corres das aguas no fundo?!
« Eia pois!... adeus, ó mundo,

« Que eu me vou comtigo unir! »
Disse, e sem mais se carpir
Ás ondas do mar se arroja!
. . . . . .
. . . . . .
Assim sohe correr a vida
Na pista d'uma ventura,
Té que venha a sepultura
Acabar esta illusão!
Finda-se o cuidado então,
Porque se findou a vida!!

1845. L. A. RIBEIRO DE SÁ

NOTICIAS E COMMERCIO.

CONCERTOS.

486 Quasi se não passa dia sem que tenhamos noticia de algum artista recem-chegado a esta capital, e logo depois a emissão de centenares de bilhetes para um pomposo *concerto*.

Apesar da nossa neutralidade politica, somos, por este theor, victimas dos «ultimos acontecimentos de Italia.» E dizemos isto, porque realmente muitos dos infelizes expatriados, não são lá muito validos de Apollo nem das Musas.

Todavia alguns são dignos de honrosa menção, e teem sido festejados e favorecidos do publico pelo seu incontestavel merito.

Distinguiremos entre todos M. Bianchi, que nos tem maravilhado como o melhor tocador de rebeca que tem vindo aos nossos salões e theatros. Todas as peças, tanto de sua como de alheia composição, tem sido executadas superiormente. Sua joven filha, Mademoiselle L. Bianchi, tambem agradou bastante pela graciosidade e melodia da sua voz. Sentimos que o seu beneficio, no salão de D. Maria II, segunda feira, fosse tão pouco numeroso.

Quando se annuncia algum *habilidoso*, ha enchentes, dobradiças, e muitas palmas. Apparece um artista distincto, e assistem ao seu beneficio 28 senhoras e pouco mais de cem homens!

A excellentissima Baronesa de Barcellinhos teve a condescendencia de prestar a grande sala do seu palacio, para o concerto que n'um dos proximos dias dará Mademoiselle Drusilla Mugniani, cantora de cujo merecimento nos deram muito boas informações, dizendo-se-nos que é digna do favor publico, por ter perdido seu pae nas guerras de Italia, e ser obrigada a emigrar em companhia de sua mãe.

No mesmo palacio, e no dia 14 do corrente, haverá outro concerto, dado por M. e Madama Calcagno, cantores distinctos, de quem ouvimos fazer altos elogios. Consta-nos que muitos artistas que se acham nesta capital concorrerão para abrilhantar este concerto, de cujo programma daremos noticia.

T.

MAIS UM MACROBIO.

487 Escrevem-nos de Val de Mendiz, que morrêra ultimamente ahi perto um velho de 102 annos, com todas as suas faculdades mentaes. Este ancião, que fôra um dos veteranos da guerra da Russia, ainda dias antes da sua morte, se comprasia em recontar as suas antigas façanhas, pois é de saber, que fôra um dos mais valentes soldados da campanha do norte. Conservava todos os cabellos, posto que brancos, e a maior parte dos dentes. Perdera um braço na batalha da Moskowa, vendo cahir a seu lado o celebre Culaincourt, no famoso reducto que o general russo Kotuzoff construira no centro da esplanada, em que morreram trinta mil homens, e ficaram fóra do combate cento e vinte.

O nosso correspondente accrescenta, que dias antes da morte, ainda fôra com um vigor extraordinario ouvir uma novena de Nossa Senhora a um logar, distante duas leguas e meia da sua habitação.

Outra curiosidade não menos notavel é, que este celebre centenario resava todos os dias tantos rosarios, quantos eram os seus annos de idade, e isto desde a sua mais tenra infancia.

Por ultimo, nunca ninguem ouvir fallar de nenhuma inclinação amorosa deste devoto veterano; que concentrava todas as suas affeições n'um puro e ardente amor da religião.

EXPLORAÇÕES GEOGRAPHICAS.

488 Parece actualmente demonstrado o descobrimento de um extenso lago de agua doce no centro do continente africano. Este mar interior é situado aos 19 graus de latitude sul e a 560 milhas NNO. de Kolobeng.

O reverendo Roberto Livingston, missionario ha annos nas terras dos bechuanas, tendo sahido de Kolobeng, capital da tribu dos bakuinos, acompanhado de Mr. Oswell, empregado da administração civil de Madrasta, e de Mr. Murray de Lintrose, depois de uma jornada mui fadigosa, durante a qual não encontrou outros obstaculos senão os animaes bravios daquellas regiões e as difficuldades de um solo virgem e sem caminhos abertos ou transitaveis, viu dilatar-se diante de si uma immensa esteira de agua, similhante ao grande lago Ontario no Canadá.

Ainda não são conhecidas as particularidades da expedição dos tres viajantes inglezes; mas é certo que chegaram á beira daquelle mar interior, cujas dimensões não estão exactamente marcadas. Verifica-se, pois, que o centro de Africa, assim como os da America e Europa, e sem duvida tambem como o da Australia, é occupado por uma ou mais amplissimas bacias que servem de depositos ás aguas doces, provenientes dos mananciaes subterraneos, ou que derivam das cordilheiras de altas serras. Ha em cada continente um vasto systema de lagos e mares interiores. Na Europa, os lagos Lemano, de Constança, Maggiore, &.ª, na America, e em muito mais dilatada escala, os de Champlain, Ontario, Michigan, &.ª Segundo as conjecturas dos recentes viajantes, a bacia central da Australia appresentará um phenomeno equivalente.

Este descobrimento produzirá grande sensação entre os geographos que até agora poucos esclarecimentos possuiam quanto á parte meridional da Africa. Falla-se em riquezas mineralogicas de curiosa e proficua exploração, em selvas magnificas, povoadas de arvores que eram desconhecidas dos europeus, a cuja sombra correm largos rios igualmente ignorados, e que vão sumir-se no grande lago.

Outras explorações subsidiarias e do mesmo modo bem succedidas se tem feito no sul da Africa. Mr. Oswell seguiu por uma grande distancia para o noroeste o curso do rio Oury, de que só estava reconhecida uma diminuta porção; e descobriu outro rio, o Molokué, que desagua no Oury. As margens de ambos são orladas de arvoredos frondentes; as suas aguas são cristallinas, e nunca o alveo lhes secca, nem sequer nas estações mais quentes. As tribus que habitam nessas paragens tem pacifica indole. Os caçadores acharão copiosos recursos naquellas regiões onde abundam quadrupedes de avultado corpo, e pela maior parte incognitos para a sciencia europea. *(Journal de la Marine.)*

EXPEDIÇÃO POLAR.

489 A expedição organisada em Aberdeen pelo capitão Penny, a fim de indagar onde pára Sir John Franklin, sahiu daquelle porto no dia 13 do mez passado. Compõe-se dos navios, *Lady-Franklin*, capitão Ferney, e *Sophia*, capitão Stewart, que foram equipados a expensas do almirantado, e abastecidos para tres annos. Vão providos de numerosos meios para a communicação com os navios que procuram, e, entre outros muitos objectos, levam uma prensa typographica. A equipagem do primeiro consta de 25 pessoas, e a do segundo de 20, todos marinheiros experientes, e affeitos aos perigos dos mares do polo. Coalhou-se de gente o cáes, applaudindo os animosos navegantes no acto da partida, e fazendo votos ao céu pelo prospero exito da empreza.

TROMBA MARINHA.

490 No canal de Bristol, em 13 de Abril ultimo, como se vê no *Times*, presenciou-se uma tromba marinha ou manga de agua, phenomeno que mui raras vezes se manifesta naquella latitude. Um brigue de 118 toneladas em derrota de Londres para Bristol subia o canal, quando a distancia de quasi doze milhas de Padstow, foi invadido por uma tromba de agua, que lhe poz os mastros razos e varreu quanto estava sobre a coberta. Navios que velejavam ainda a menos de meia milha do brigue maltratado, não tiveram a menor avaria, nem correram perigo.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 8 de Maio.

491 Fundos publicos de 5 por cento, 50. — Desconto de notas, 460 a 480.

Cereaes em 8 de Maio.

Trigo do reino rijo . . .	de 300 a 400	réis	a	bordo.
» » molle .	de 330 a 410	»		»
» da ilha.	de 320 a 340	»		»
Milho do reino.	de 210 a 230	»		»
» da ilha.	de 200 a 205	»		»
Cevada do reino.	de 180 a 190	»		»
» da ilha	de 160 a 170	»		»
Centeio do reino	de 200 a 210	»		»

Estado do mercado, em 8 de Maio.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Poucas vendas, e somente para o consumo.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$500 a 1$560 rs., dito velho 1$400 a 1$500 rs., — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$350 a 1$500 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 950 a 1$050 rs. — Continuam os preços a conservam-se firmes, limitando-se as vendas para o consumo.

Cacáu 1$650 a 1$700 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Caffé do Rio. — Não ha.

Cêra de Angola B. 268 a 270 rs. — Dita A. 258 a 260 rs. — Egualmente não nos consta que houvesse vendas.

Marfim de lei 1$100 a 1$250 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Effectuaram-se mais algumas vendas para embarque.

Urzella 6$400 a 6$500 rs. — Não houve vendas.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

492 *Paris*, 27 de Abril. — Os 5% tiveram uma pequena alta, e fecharam neste sabbado a 89,65 para conta. Era frouxo o movimento da praça; a attenção dos espectadores, bem como a do publico em geral, fixava-se na proxima eleição, que devia começar no dia 28; assegurava-se que o resultado do escrutinio influiria na segunda feira nos preços dos fundos.

Os 3% fecharam 55,75 á vista e 55,80 para conta.

As acções do banco de França eram bastante procuradas; tinham subido desde a vespera 20 fr. e conservavam-se firmes a 2.125 fr.

Bruxellas, 27 dito. — Emprestimo de 1840, de 5%, a 97½; de 1844, de 2½, a 49⅛.

Londres, 26 dito. — Os consolidados inglezes estavam a 95⅛ a 96. Os fundos portuguezes de 4%, a 34, e 33¾.

Madrid, 1.º de Maio. — Os titulos de 3% a 30½ em papel.

Ditos de 4, a 12½ dito.

Ditos de 5, a 12¾ dito.

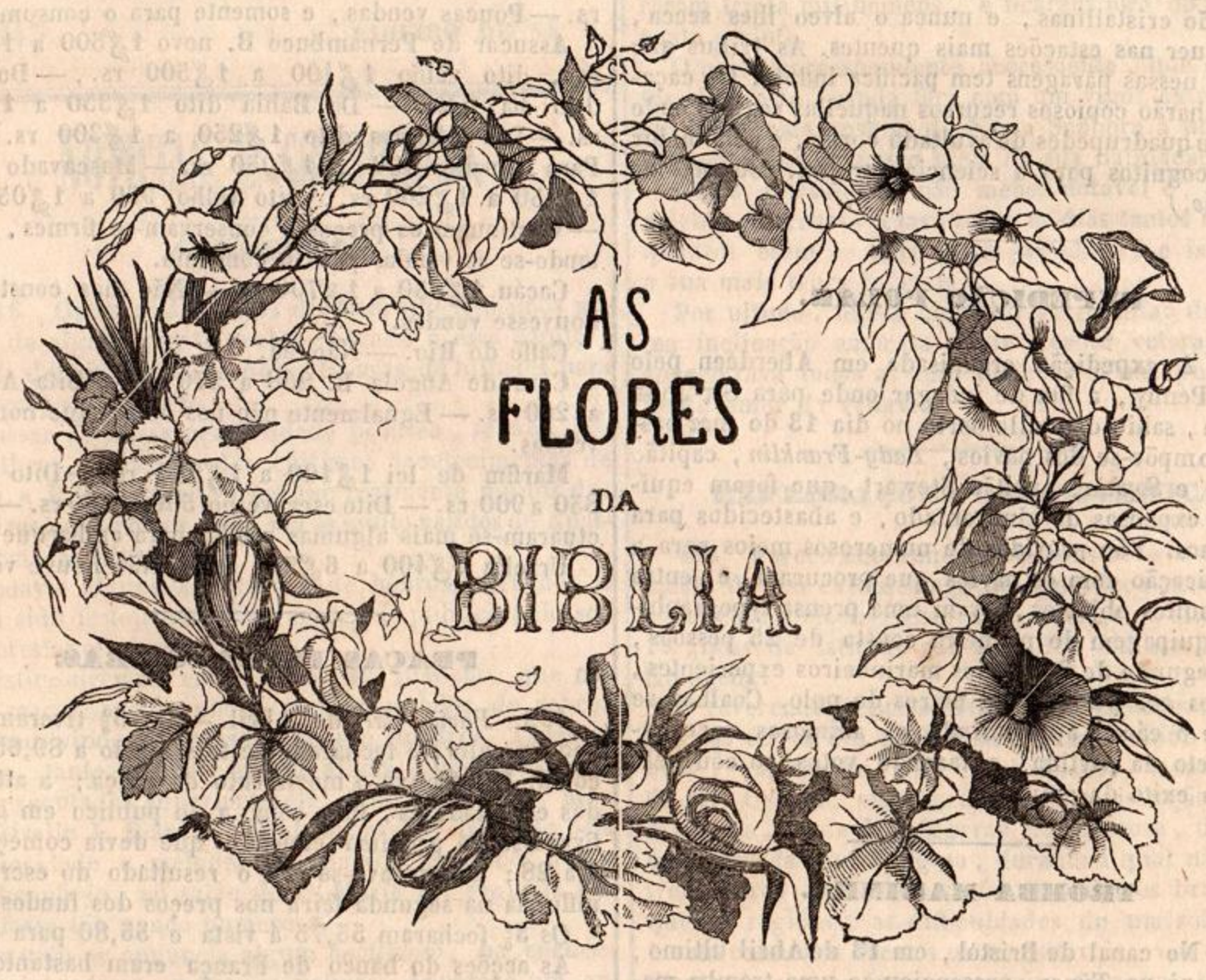
Coupons não capitalisados 7⅝ dito.

As acções do banco de S. Fernando negociavam-se a 81% em dinheiro; havia procura.

AS FABRICAS NACIONAES SÃO UMA HISTORIA!

PAMPHLETO ECONOMICO, PELO REDACTOR DA REVISTA UNIVERSAL.

493 Está á venda, por 80 réis, no Escriptorio da REVISTA — e na rua Augusta n.os 1 e 8. — *N. B.* Os distribuidores da REVISTA tambem estão encarregados de o venderem.



Publicação periodica de Romances e Poesias, extrahidos dos Livros Santos, por Luiz Corrêa Caldeira.

COM a maior regularidade sahirá á luz um numero de 15 em 15 dias, 16 paginas em 8.° de excellente papel passado pela prensa hydraulica, com gravuras, vinhetas e lettras ornadas.

Preço de cada numero, para os Srs. Assignantes ..... 60 réis.
Avulso ..... 80 »

Assigna-se em Coimbra, na loja de livros do Sr. Mesquita — em Lisboa na loja de livros do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, ou no escriptorio do empresario do jornal litterario — *A Semana* — Jorge Augusto de Sousa, travessa da Larangeira n.° 25, 3.° andar (á Cruz de Páu), para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, franca de porte.

Os Srs. das Provincias, que quizerem subscrever para esta publicação, terão a bondade de remetter ao referido escriptorio o importe de 12 n.os adiantados, depois de sair o 1.° numero.